

As transformações do Cristianismo na América Latina: contribuições de José Comblin

The transformations of Christianity in Latin America: contributions by José Comblin

Alzirinha Souza¹

Resumo: O texto apresentado, que é originário da Conferência de mesmo nome apresentada na I Jornada José Comblin, trata das impressões do autor acerca do sentido do Cristianismo no contexto atual, notadamente a partir das transformações do contexto latino-americano. As percepções de Comblin são apresentadas em oito chaves de leitura: 1) a existência da crise; 2) elementos históricos; 3) o contexto cultural; 4) as novidades; 5) as tentativas de restauração; 6) o contexto neopentecostal; 7) o Evangelho; e finalmente 8) o futuro da religião.

Palavras-chave: José Comblin; Cristianismo; crise de sentido; América latina; Evangelho.

Abstract: The presented text, that originates from the Conference of the same name and was presented in the First Seminary about the Theologian José Comblin, deals with the author's impressions regarding to the meaning of Christianity in the present context, noticeable from the transformations of the Latin American's context. Comblin's

¹ Doutora em Teologia pela *Université catholique de Louvain*. É professora e pesquisadora do PPG Teologia, na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

perceptions are presented in eight keys's reading: 1) The crisis's existence; 2) historical elements; 3) the cultural context; 4) the newness; 5) the restoration attempts; 6) the neo Pentecostal's context; 7) the Gospel; and finally 8) the future of religion.

Keywords: Joseph Comblin; Christianity; crisisofmeaning; LatinAmerica; Gospel

Introdução

O tema do “sentido do cristianismo” permeou minha pesquisa pós-doutoral finalizada em Dezembro de 2018. Naquele momento, trabalhei o tema de maneira mais ampla, a partir da reflexão de José Comblin e de Joseph Moingt, sj ², finalizando com a publicação do artigo *Fazer a Igreja Católica se mover: a pertinência do Evangelho no mundo contemporâneo* (SOUZA; ARAGÃO, 2018).

Durante a I Jornada José Comblin, realizada em junho de 2019, conjuntamente pela PUCSP e UNICAP, realizei a conferência que tratava de apresentar o sentido do cristianismo nos elementos convergentes do pensamento de ambos os autores. É dessa conferência que resulta o texto que ora apresentamos.

Contudo, dada a limitação de espaço para a publicação da conferência completa neste dossiê, aliado à tranquilidade de saber que o leitor pode acessar a pesquisa completa publicada no artigo anteriormente citado, elegemos nos deter, neste texto, somente nos elementos da visão de Comblin sobre o tema.

² Joseph Moingt, sj, nascido em 1903, vive ainda em Paris. Dentre as muitas obras publicadas, destaco a última: *L'esprit du christianisme*, 2018.

Ainda assim, mantivemos a metodologia utilizada na pesquisa ampliada. Respeitamos a forma mesma com a qual Comblin constrói sua teologia, ou seja, em processo. Não são raros os temas que voltam, no pensamento do autor, em épocas distintas de sua vida, e com este não foi diferente.

Nesse sentido, percorremos e analisamos os textos em que o autor trata do tema em diferentes períodos de sua vida, que nos desvela sua percepção sobre as mudanças no perfil religioso da América Latina, notadamente a partir da solificação dos movimentos pentecostais iniciada nos anos 70.

Felizmente, o cristianismo não se resume a uma instituição. Ao contrário, ele a transborda e se coloca frente às questões do presente. A perspectiva de Comblin que apresentaremos demonstra como ele soube colocar seu trabalho teológico a serviço dessa reflexão. Unicamente por preocupação com a Igreja e por querer vê-la sempre evoluir, não se eximiu de pensar suas questões mais delicadas, apesar de ter sofrido algumas coações e críticas.³

3 Reconhecemos que a forma como escrevemos a conferência é mais livre. Contudo, sem desprezar outros textos, utilizaremos principalmente aquele que acreditamos ser a síntese de seu pensamento acerca do tema: o artigo *La crisis de la religión en la cristiandad* (2007), publicado na “Revista electrónica latino-americana de teología (RELat), n. 377. Escolhemo-lo, uma vez que compila e expõe com clareza as ideias contidas nos demais textos e conferências em que trata do tema, a saber: 1) conferência intitulada *O que está acontecendo na Igreja?*, realizada em El Salvador na UCA, em 2010, quando ali esteve a convite de Jon Sobrino; 2) o texto póstumo *La crisis de la religión*, publicado por José María Vigil (2012), em homenagem ao autor; 3) o livro *O caminho* (2004), e 4) a conferência realizada nas *Jornadas Teológicas del Cono Sur – Amerindia 2009*, com o título de *Los retos de la teología en el siglo XXI*. Todos esses itens expressam de forma clara o pensamento do autor sobre a “reconceituação da religião que permite interpretar de um modo mais livre e realista a situação da religião no mundo atual” (VIGIL, 2012, p.77).

Para tanto, este texto será apresentado por meio das sete chaves com as quais o autor propõe a sua reflexão: 1) a crise da religião; 2) o contexto cultural; 3) as novidades; 4) as tentativas de restauração; 5) o desafio pentecostal; 6) o Evangelho; e 7) o futuro da religião.

1. José Comblin e a crise da religião

É marcante, nos textos de Comblin, a crítica às estruturas eclesiais inflexíveis que levam à perda do sentido da essência do cristianismo, que é baseado na prática de Jesus e, não, nas normas.

O autor inicia sua reflexão apresentando as questões do cristianismo e suas transformações ao longo dos séculos, bem como a rejeição nos tempos atuais a partir da chave de sentido, perguntando-se qual é o sentido do cristianismo para cristãos e não cristãos na atualidade.

Para os primeiros (cristãos), há um cristianismo “transformado”, adaptados aos interesses daqueles que se dizem praticantes; para os segundos (não cristãos), desde a libertação do elemento religioso-eclesial trazido das Luzes, as referências cristãs tornaram-se elementos histórico-culturais que não determinam mais o sentido estrito da vida das pessoas.

O tema da reflexão não é novo para Comblin. Todavia, é em 2007 que o autor escreve sobre ele a partir de uma nova perspectiva, considerando que a crise no cristianismo não só não é nova, como também será uma constante cada vez que esse não se abrir à percepção do mundo. Em *La crisis de la religión* (2007), ele parte de uma leitura histórica de todas as crises por que passou o cristianismo, visto admitir, desde 2012, que, “dentro da cristandade, a

crise da religião está chegando a seu ponto culminante na Europa e já alcançou um nível bem mais alto na América” (COMBLIN, 2007, p. 2)⁴.

2. A existência da crise: elementos históricos

Ao demonstrar que a crise no cristianismo não é uma novidade dada por uma ideia de modernidade ameaçadora, Comblin apresenta os principais elementos históricos que compõem esses momentos.

Dirá o autor:

Foram duzentos anos de batalhas, finalmente todas perdidas. A modernidade racionalista prevaleceu e esteve na base de uma suspeita generalizada contra a Igreja. Suspeitaram que a Igreja quisesse conquistar o poder perdido (COMBLIN, 2007, p. 2).

Durante 200 anos, o ocidente viveu uma coexistência bastante agressiva entre, de um lado, os restos da cristandade que tratava de salvar seu passado graças ao mundo rural e, do outro, um novo tipo de sociedade que recebeu o nome de “modernidade”, implantado na classe intelectual e industrial. O mundo estava formado por duas nações: uma rural e conservadora, e outra urbana e republicana.

Após a Segunda Guerra Mundial, sobretudo após o Concílio Vaticano II, tinha-se a impressão de uma época mais pacífica em relação à convivência com a religião na modernidade. Contudo, não se esperava que, três anos depois dos maus acontecidos e dos aparentes acordos entre

⁴Vale destacar que o texto original presente na RELat 377 (2007), disponível em formato digital, não apresenta numeração de páginas. Por questão de organização e citação, criamos a numeração de acordo com impressão do documento digital.

república, democracia e modernidade, já estivesse pronta a revolução da juventude que aguardava, há muito, sua oportunidade histórica.

Os anos 1970 realizam os elementos anunciados desde as revoluções estudantis de 1967 e 1968, lideradas, em sua maioria, por mulheres que, em sua revolução feminista, declaravam a rejeição ao patriarcalismo tradicional e anunciavam suas lutas por direitos de igualdade. Lutavam contra as instituições que reproduziam a desigualdade, tal qual a antiga cristandade. Tiraram a legitimidade das instituições republicanas que assumiam esses valores.

Nasce a neo modernidade, desvelando uma crise do racionalismo da modernidade que tentava explicar o mundo num único sistema racional de pretensão universal, tal como fizera a teologia da cristandade. A ciência é funcional e eliminou o lugar da metafísica. Essa mesma ciência tem valor operacional e pode intervir nos processos da matéria ou da mente, para produzir efeitos novos e mais úteis para o gênero humano. Conhecer a essência agora se tornou inútil.

As primeiras consequências aparecem a partir de maio de 1968. As universidades, que eram campo de divulgação da modernidade e do racionalismo moderno para formar colaboradores do Estado Republicano, são deslegitimadas. Nasce a revolução cultural, trazendo como grande vítima o Estado Republicano, que perde de vez a capacidade de organizar uma sociedade justa e pacífica e de ser expressão da vontade dos cidadãos. Esse se torna uma máquina burocrática, despótica, autoritária e finalmente ineficiente. As instâncias a ele ligadas comportam-se da mesma forma: o exército, a escola de cidadania e a polícia se tornam repressivos, e os

presídios passam a destruir personalidades humanas. “Os símbolos da República são tratados como foram tratados antes os símbolos da cristandade” (COMBLIN, 2007, p. 4).

Equivocadamente, alguns pensavam que a ruína do republicano era o sinal para o retorno da cristandade. Alguns pensavam que o século XXI seria religioso e anunciavam tempos de glória para a Igreja. Contudo, era uma ilusão. Segundo Comblin (2007, p. 5):

As novas gerações da pós-modernidade não voltaram à religião de seus antepassados. Elas simplesmente ignoraram. Não foram educadas nela e perderam o conhecimento de seus símbolos. Até o “pai-nosso” é mistério para elas, e das imagens religiosas de nossos templos não entendem nada.

Longe de resolver a crise da religião, a pós-modernidade somente a aprofundou, evacuando ainda mais a herança cristã na República, que desejou ser substituída da Igreja, com o erro de pretender ter elementos copiados da cristandade: uma “liturgia cristã laicizada” – ao passo que, na modernidade que não queria nenhum símbolo, foram construídos outros elementos a partir de referências não religiosas (culturais, esportivas etc.) – e uma proposição moral, rejeitada pela sociedade moderna por conter normas universais e repressão individual.

Quanto à Igreja, ela tenta recuperar seu prestígio dinamitado pelo afastamento dos leigos e pela crise nas vocações. A crise da religião existe e não está em vias de solução. Dirá Comblin (2007, p. 6):

O projeto de restauração é ilusório e a solução não virá de cima para baixo. O cristianismo não pode ser uma doutrina intelectual. Deverá ser um novo modo de viver o Evangelho inventado pelos leigos do mundo popular,

porque os outros têm pouco interesse. Podemos ter a segurança de que as raízes desse novo modo já estão presentes e que o modo adequado de ser cristão na nova sociedade já está presente. Nós não o vemos porque não estamos realmente em meio do mundo atual e não o entendemos.

3. O contexto cultural

O espaço deixado pela crise da cristandade, da religião racionalista e leiga da República criou, na sociedade, um vazio que foi ocupado pela economia. Há uma coincidência histórica entre a crise da modernidade e o advento da sociedade neoliberal, favorecida pela crítica ao Estado, que agora é considerado débil e incapaz de controlar a economia. A economia passa a definir a finalidade da vida humana: define seus valores, seu conteúdo, suas obrigações e sua estrutura social. Trata-se de um sistema econômico globalizado, estruturado na fabricação de produtos mais caros, sofisticados e tecnológicos, que faz com que o progresso da ciência e da tecnologia se volte para aqueles que podem consumir, de modo a agravar a desigualdade entre ricos e pobres, assim como a concentração de riqueza. O novo sentido de vida dado pela economia é o de consumir. Viver é consumir e a felicidade encontra-se na possibilidade de satisfação de todos os desejos, impulsionados pelos meios de comunicação. Afirmará Comblin (2007, p. 8):

Estamos trabalhando com a hipótese de que a sociedade atual não pode viver puramente dos restos do passado que vão desaparecendo com a morte de seus depositários, ou do que oferece a economia mundial.

4. As novidades

Nesse item, Comblin trata de elementos de uma religião antiga que já não se sustentam. Uma cosmologia subjacente a uma religião tradicional,

que afirma Deus como aquele que comanda o mundo segundo normas que somente Ele conhece, é impensável nos nossos dias. A ideia de um imperador que define a vida e as normas sociais e morais é igualmente inadmissível nos dias atuais. Desde o século XVIII, milhares de jovens abandonaram a religião quando descobriram a ilusão dessa cosmologia, desmontada oficialmente por Yuri Gagarin (1968), o primeiro homem a viajar ao espaço e afirmar que ali não havia encontrado nem anjos nem Deus. Pode ser simbólica sua declaração. Contudo, graças a ela, as classes pobres descobriram o que as mais cultas já sabiam há tempos: que a vida não pode ser vivida unicamente sob a regência de um Deus distante que está acima, muito menos numa luta entre as forças do bem e do mal (que está no inferno contido no interior da Terra).

Da mesma forma que, desde o Renascimento, a razão permite perceber que cada ser humano pode fazer a sua vida, os combates que os humanos sentem em si mesmos não são de forças sobrenaturais, mas de natureza interior, pessoal, em que cada um assume sua responsabilidade, sua autonomia e sua liberdade. Logo, desaparece o medo de Deus e as consequências para quem lhe desobedece.

Essa evolução é irreversível. Ninguém poderá retornar a uma consciência religiosa do passado. A cosmologia e a antropologia nascidas da modernidade e desenvolvidas hoje ainda mais são definitivas.

5. As tentativas de restauração

Para o autor, os movimentos de restauração impulsionados pela Igreja são motivados pela tentativa de retorno à voz única no espaço social. A cada

época, a Igreja lançou mão de uma classe ou linha de pensamento na tentativa de restauração do poder.

Na Revolução Francesa, a Igreja se voltou para as aristocracias, até que foi vencida pelas diversas revoluções europeias em 1848. Pio IX lança a tentativa de uma Igreja Tridentina de normas e contrarreforma que acabou por se isolar de um mundo que estava sendo construído, sobretudo por acreditar que a modernidade já instaurada iria cair. Leão XIII iniciou um processo de abertura com o reconhecimento da República, mas foi atropelado por seu sucessor Pio X, que retomou a política de condenação da modernidade. Da mesma maneira, Pio XII também viveu a ilusão da cristandade restaurada, agora definida pela luta contra ateus e comunistas. Ele acreditava que uma maior centralização, uma disciplina mais rígida e um isolamento maior do mundo poderiam preparar a Igreja para seu retorno. O Concílio Vaticano II levou alguns a acreditar que a Igreja caminhava para a modernidade.

Contudo, os Sinais dos Tempos anunciados por João XXIII não foram vistos por muitos, principalmente por João Paulo II, que, em seu papado, não somente se colocou contra as Igrejas locais que tentaram (e conseguiram) enxergá-los, a exemplo da Igreja latino-americana, como também criou para si uma nova base para a recristianização da Europa e do mundo: os movimentos conservadores proclamados “agentes da nova evangelização”, pensados a partir de um parâmetro de recrutamento de novos membros da classe média, que buscam, na verdade, uma adaptação da religião à sua cultura e, ainda por cima, excluem os pobres. A esperança atual, segundo Comblin, está com os leigos. A mudança virá de uma Igreja laical, que reage com consciência cristã no (e desde o) meio que ocupam dentro da sociedade.

6. O desafio pentecostal

Segundo Comblin, o século XX foi o do pentecostalismo e do grande movimento de conversão de milhares de cristãos. Esse não foi um movimento unicamente social, mas teológico. O pentecostalismo, na visão de Comblin, tem sua origem em dois elementos: a explosão demográfica que, em um século, registrou um crescimento de seis milhões de pessoas e, decorrente dela, o movimento migratório campo – cidade. Ambos não foram acompanhados pela Igreja, que não pôde ou não quis ter estruturas necessárias para enquadrar essa massa humana. Consequentemente, “apareceu o universo dos pobres das cidades, abandonados pela Igreja tradicional. Nasceram novas comunidades dentro do mesmo povo dos pobres”. Os pobres que chegaram às cidades descobriram “que não somente sua Igreja estava ausente, mas que a mensagem da Igreja não dava resposta à sua nova situação. Sem clero, tiveram que buscar por si mesmos uma nova religião. Apareceram os pentecostais” (COMBLIN, 2007, p. 15).

Mantendo o nível de cultura trazido do campo, os pentecostais oferecem aos pobres o que era próprio de suas referências: uma cosmologia religiosa tradicional (Deus, Satanás, céu, terra, inferno, pecado, castigos divinos e a salvação como problema básico da religião). Centram-se na pessoa de Jesus, eliminam os santos e se emancipam do clero. Cria-se uma emancipação da Igreja institucionalizada, pois foi justamente ela que rejeitou primeiramente essa massa de pessoas. Dirá Comblin (2007, p. 16): “Há uma emancipação do sujeito humano. Os convertidos pentecostais se sentem mais livres, mais fortes, mais capacitados e mais responsáveis. Sentem-se mais armados para enfrentar a dura vida dos pobres na cidade”.

Ao longo dos anos, viu-se o pentecostalismo se estruturar nas Igrejas tradicionais, que não aceitam as “novas” denominações como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a Igreja Internacional da Graça etc. Essas incorporaram elementos de um sistema neoliberal, que tocam mais proximamente a classe pobre, abandonada pelas Igrejas tradicionais.

Por outro lado, segundo Comblin, há expectativa de que esse movimento diminua à medida que as classes pobres forem tornando-se mais instruídas e compreenderem que há outra cosmologia para a religião. Escolarizadas, elas entrarão na mesma dinâmica de crise religiosa da modernidade e pós-modernidade.

7. O Evangelho?

Enquanto a crise cultural dos anos 1970 afeta as religiões, a ruína de uma religião tradicional e o advento de uma nova sociedade não afetam o Evangelho. A bem da verdade, ele não foi atacado em nenhum momento de construção de novos movimentos da modernidade; pelo contrário, houve movimentos que denunciavam justamente a Igreja por não o realizar no mundo.

As Igrejas e suas estruturas não permitem o anúncio real do Evangelho. Colocam-no, em vez disso, num sistema religioso fora do qual as pessoas não o descobrem tão facilmente. Com sorte, pode-se descobri-lo em pessoas isoladas que traduzem sua vida como testemunho dele. No entanto, é o sistema religioso que ocupa todo o espaço visível.

Para Comblin, as estruturas religiosas convidam as pessoas a participarem do culto que as separa, muitas vezes, do mundo concreto,

expressando o domínio de uma classe sagrada reservada ao primeiro. O Evangelho, ao contrário, impulsiona as pessoas a saírem em direção a esse mundo porque lhes anuncia que o Reino de Deus já está nele⁵ (COMBLIN, 2007, p. 17).

Houve, ao longo da história, movimentos que tentaram denunciar a distorção do Evangelho realizada pela estrutura religiosa. Desde o século XII, surge, no norte da Europa, o movimento do *Béguinage*, formado por mulheres leigas, solteiras, que não aceitavam unicamente o matrimônio e/ou a vida religiosa como destino e que se colocavam ao cuidado dos pobres em comunidades autônomas. Surgem também as Ordens Terceiras e, no século XX, o movimento laical da Ação Católica, que dava a possibilidade da vivência do Evangelho em diversas realidades.

Ao final, afirmará Comblin que a tensionalidade entre vivência e institucionalização do Evangelho se resolverá à medida que a liberdade for se instalando na instituição, o que a levará a criar mecanismos da vivência daquele fora desta.

8. O futuro da religião

Finalmente, Comblin analisa o futuro da religião. Para ele, a religião é parte da condição humana e, por isso, em qualquer cultura, haverá uma religião. O futuro e a crise da religião não estão, portanto, na religião em si, mas na mudança radical da cultura.

5 O tema do Evangelho é amplamente trabalhado por Comblin no livro *O caminho* (2004), em especial nas p. 31-37.

As religiões terão sempre asseguradas seu lugar no mundo, mas não necessariamente da forma tradicional da cristandade, já que essa se tornou incompreensível para a cultura atual. Tentando fazer diálogo com o mundo, muitas religiões, movimentos e grupos religiosos vão desaparecer e aparecer ao longo da história humana.

Partindo da pessoa de Jesus, Comblin afirmará que ele não fundou nenhuma religião, deixando a porta aberta para que seus discípulos criassem a religião mais adaptada à sua cultura. Por isso, o catolicismo que professamos hoje e que se formou dentro do Império Romano é uma das possibilidades históricas que penetraram somente em uma cultura, a ocidental, e com variantes.⁶

Seguramente, haverá mais opiniões sobre rupturas e evoluções acerca das religiões. Entretanto, Comblin apresenta as suas em quatro chaves. A *primeira* afirma que a religião do futuro será mais mística do que cultural, dando mais importância à Palavra de Deus que ao culto; será mais uma oração de acolhida que de pedido ou adoração, e o culto será mais uma celebração da presença discreta e humilde do Evangelho no mundo. Em *segundo* lugar, a religião do futuro dará menos importância aos objetos e mais importância às pessoas e ao seguimento de Jesus que à literalidade das normas e dos dogmas. Em *terceiro* lugar, o sujeito participante das religiões nascerá do diálogo com outros sujeitos. A religião será recíproca com eles. O mundo dos objetos religiosos, das classes religiosas, cederá lugar às relações vivas entre pessoas iguais. Por último, os cristãos de amanhã necessitarão de

6 O tema das diferentes versões do Catolicismo, notadamente em América Latina, é trabalhado por Comblin em *Para uma tipologia do catolicismo no Brasil* (1968).

comunidades pequenas onde se estabeleçam relações de fraternidade, de pessoas que partilhem a mesma religião, os mesmos valores, num mundo cada vez mais individualizado (COMBLIN, 2007, p. 17-18).

Para Comblin, a religião do futuro abrirá lugar aos leigos (e à criatividade em todos os aspectos da vida de um povo cristão) os quais, dialogando entre si e como iguais, poderão construir, em conjunto com a hierarquia, uma nova forma de fraternidade. Poderão construir uma nova forma de vivência e anúncio do Evangelho tal como era nas origens, livre de todo aparato religioso com que foi coberto durante séculos até desaparecer sob o manto multicultural que lhe deram. A necessidade da religião não exige que ela seja a mesma em todos os espaços do mundo. Em culturas distintas (Ásia, Japão...), pode haver simpatia pelo cristianismo e pouca simpatia pelas Igrejas. A dificuldade está no fato de que a maioria das pessoas ligadas ao modelo e às práticas religiosas da antiga cristandade (leigos e clero) é a que menos percebe as mudanças do mundo e que, por isso, não sente necessidade de mudar, pelo contrário, assusta-se com elas.

Conclusão

Os temas da crise da religião na modernidade e a pertinência do Evangelho no mundo atual caminham juntos no pensamento de José Comblin, que os articula a partir da tríade Povo de Deus, Igreja e contexto atual.

De todos os elementos abordados, creio poder afirmar, convictamente, que sua reflexão se preocupa em contribuir para a

recuperação do que é próprio do Evangelho e, com a retirada de suas capas, estabelecer um diálogo e um efetivo aporte ao mundo atual, marcado pela secularização negativa dos valores cristãos e pelo descrédito da Instituição.

Seguramente, para Comblin, a solução não se encontra num movimento em direção ao passado e, sim, numa leitura realista e consciente dos Sinais dos Tempos de cada momento presente. Certamente, o Sinal dos Tempos do momento presente, que se apresenta como um desafio à teologia, é a ausência de sentido do Evangelho para a modernidade. O desafio imposto, que pode ser traduzido na expressão “humanização do Evangelho”, encontra-se em como fazer coincidir o sentido do Evangelho e o das pessoas concretas, que se encontram numa realidade de mudança de época marcada pela relativização dos valores religiosos. Para tanto, faz-se necessário um movimento *ad intra*, de ressignificação das formas de diálogo e ressignificação de: modernidade, hierarquia, ensinamento, diálogo com os leigos e, finalmente o futuro mesmo da Igreja.

Referências bibliográficas

- COMBLIN, J. La crisis de la religión en la Cristiandad. *Revista electrónica latino-americana de teología* (RELat). Servicios Koinonia, n. 377, 2007.
- _____. O que está acontecendo na Igreja?. Disponível em: <<http://domtotal.com/noticia/269292/2010/11/o-que-esta-acontecendo-na-igreja>>. Acesso em: 10 out. 2018.
- _____. *O caminho*. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. Los retos de la teología en el siglo XXI. In: Jornadas Teológicas del Cono Sur – Amerindia, 2011.
- _____. Para uma tipologia do catolicismo no Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 28/1, p. 46-73, mar. 1968.
- MUGGLER, M. *Padre Comblin: uma vida guiada pelo Espírito*. São Paulo: Hinhanduti, 2011.

SOUZA, A.; ARAGÃO, G. Fazer a Igreja se mover: a pertinência do Evangelho no mundo contemporâneo. *Revista Parallelus*, Recife, v. 9, n. 22, set./dez. 2018, p. 667-697.

VIGIL, J. M. La crisis de la religión. *Revista Voices*, v. 35, n. 1, p. 77-84, jan./mar. 2012.

Obras de Joseph Moingt sobre o tema

MOINGT, J. *Pour un humanisme évangélique*. Revue Études, Paris, 407, 4 (2007), p. 343-353.

_____. *Faire bouger l'Église*. Paris: DDB, 2012.

_____. *L'Évangile sauvera l'Église*. Paris: Salvator, 2013.